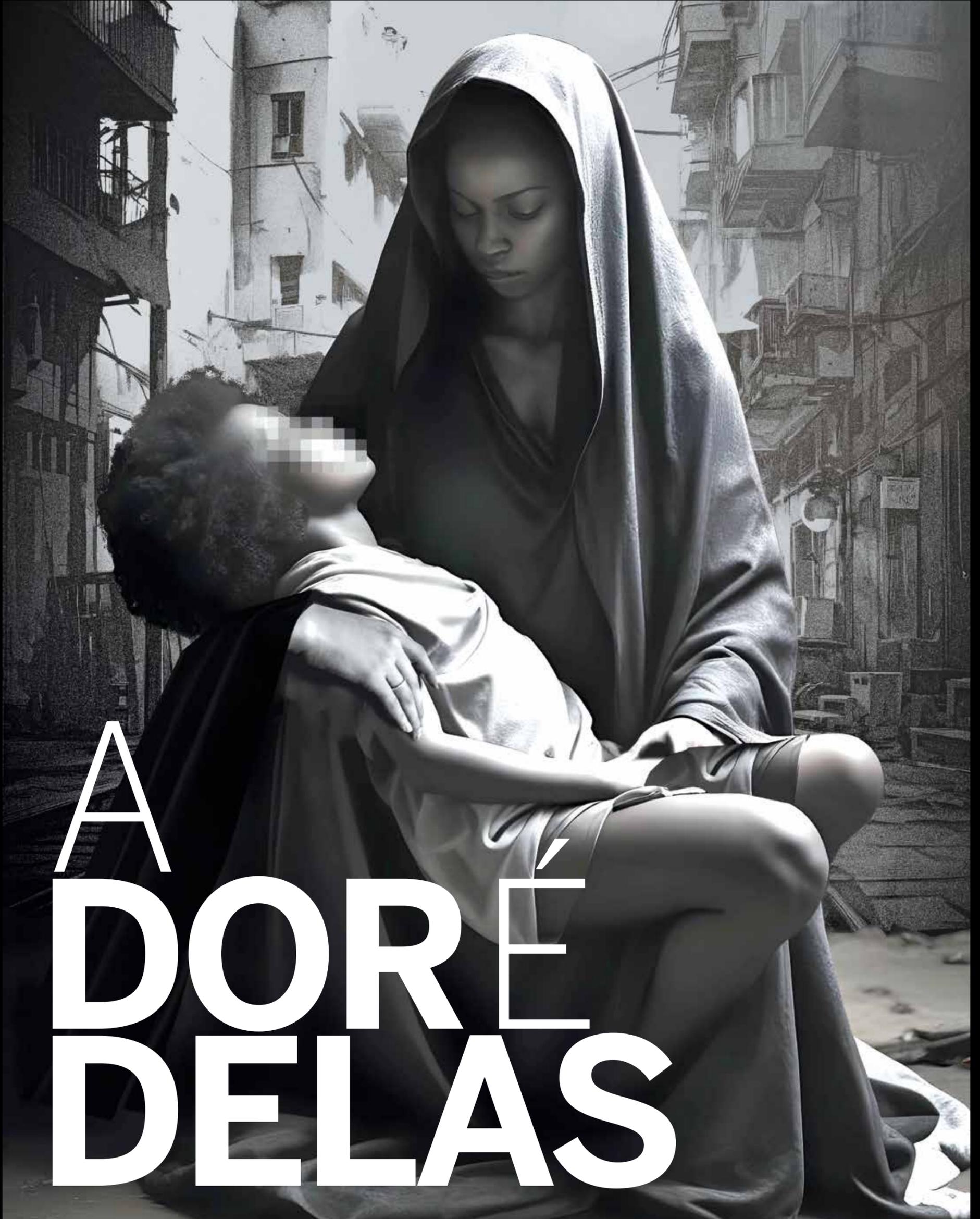


JORNAL DA

AduFRJ

1333 • 16 de setembro de 2024 • www.adufrj.org.br • TV ADUFRJ: youtube.com/adufrj

ILUSTRAÇÃO: ANDRÉ HIPPERTT (ARTE BASEADA NA 'PIETÀ' DE MICHELANGELO. UMA DAS MAIS FAMOSAS ESCULTURAS FEITAS PELO ARTISTA. 'LA PIETÀ' REPRESENTA JESUS MORTO NOS BRAÇOS DE SUA MÃE).



A DORÉ DELAS

Elas conhecem o pior dos sofrimentos, o de enterrar os próprios filhos. Vítimas da violência de agentes do Estado, essas mulheres encontraram acolhimento em projeto de pesquisa e extensão da UFRJ. Em emocionantes depoimentos ao Jornal da ADUFRJ, elas desfiam sua luta e seu luto. **Páginas 4 e 5**

ASSEMBLEIA VOTA DELEGAÇÃO AO CONAD EXTRAORDINÁRIO

Em assembleia realizada na sexta-feira (13), os professores sindicalizados elegeram a delegação que representará a AdUFRJ no 15º Conad Extraordinário do Andes — Sindicato Nacional. Com votos em urna, os quatro nomes indicados em assembleia foram referendados pelos eleitores. A delegação será formada pela presidenta da AdUFRJ, professora Mayra Goulart (IFCS), como delegada, indicada pela diretoria do sindicato, e por quatro observadores: Nedito do Espírito Santo (Instituto de Matemática), Tereza Leopardi (Instituto de Economia), e Renata Flores (Colégio de Aplicação), e Carlos Zarro (Instituto de Física).



DECISÃO Assembleia escolheu quatro observadores da AdUFRJ

O 15º Conad será realizado entre os dias 11 e 13 de outubro, em Brasília, no campus da UnB. O tema central do encontro será "Movimento Docente e Carreira: uma luta histórica do Andes-SN".

A realização do 15º Conad Extraordinário foi definida no 42º Congresso do Andes, que

ocorreu no início deste ano em Fortaleza. No congresso, os delegados decidiram que as decisões sobre a atualização do projeto de carreira única de professor federal — uma proposta antiga do Andes — seriam remetidas para discussão em um Conad Extraordinário. A proposta de

um projeto de lei que consolida o Plano de Carreira e Cargo de Professor Federal foi aprovada no 30º Congresso do sindicato nacional, em 2011, mas nunca foi levada adiante.

O cronograma do 15º Conad Extraordinário prevê que no dia 11 de outubro (sexta-feira), a partir das 14 horas, serão realizadas as plenárias de Abertura e de Instalação. À noite, ocorrerá a Plenária do Tema I, com a atualização do debate sobre conjuntura e movimento docente e as lutas em defesa da carreira.

Já no dia 12 (sábado), delegados e observadores se dividirão em grupos mistos para discutir o Tema II: Atualização dos Planos de Lutas dos Setores e Plano Geral de Lutas — Carreira Docente.

No dia 13 (domingo), os docentes se dedicarão aos debates e deliberações da Plenária do Tema II e, depois, à plenária de Encerramento.

MACAÉ COMEMORA A POSSE DOS PRIMEIROS DIRETORES

Uma cerimônia alegre e histórica deu posse simbólica aos primeiros diretores dos seis institutos especializados do Centro Multidisciplinar de Macaé — criado em 2021 —, no último dia 11. O evento contou com a presença da AdUFRJ e representou mais uma etapa da interiorização da UFRJ no Norte Fluminense.

O reitor Roberto Medronho afirmou que a consolidação da estrutura administrativa não era uma mera burocracia: "É o reconhecimento, de fato e de direito, que essas unidades existem, precisam crescer e se estruturar".

"Sabemos que o caminho é longo. A tarefa é dura. E a força, às vezes, parece faltar. Com a etapa do processo que acabamos de vencer, reaprendemos que nada poderá nos impedir de escrever a nossa história. E a nossa história é hoje", comemorou o decano do Centro, professor Irnak Barbosa.

"Foi muito especial participar deste momento, sobretudo porque a maior parte das diretorias foi assumida por mulheres", observou Mayra



DIRETORAS. Mulheres estão à frente da maioria dos institutos

Goulart, presidenta da AdUFRJ. "Os passos em direção à equidade de gênero estão sendo dados na academia e o CMM é um belo exemplo disso", celebrou.

DIREÇÕES

Kelse Albuquerque (diretora) e Jane Capelli (vice-diretora) assumiram a gestão do Instituto de Alimentação e Nutrição; Danielle Maria de Souza Serio dos Santos (diretora) e Juliliana Tomaz Pacheco Latini (vice-diretora), do Instituto de Ciências

Farmacêuticas; Joelson Tavares Rodrigues (diretor) e Karine da Silva Verdoorn (vice-diretora) do Instituto de Ciências Médicas; Raquel Silva de Paiva (diretora) e Glaucimara Riguete de Souza Soares (vice-diretora) do Instituto de Enfermagem; Juliana Milanez (diretora) e Danielle Marques de Araujo Stapelfeldt (vice-diretora) do Instituto Multidisciplinar de Química; Thiago Gomes de Lima (diretor) e Elisa Pinto da Rocha (vice-diretora), do Instituto Politécnico.

ABC LANÇA LIVRO SOBRE EVOLUÇÃO NOS DIAS 19 E 20

Nos dias 19 e 20 de setembro, a Academia Brasileira de Ciências (ABC) lançará o livro "A evolução é fato". A publicação reúne capítulos de renomados pesquisadores sobre o processo de evolução, em linguagem fácil e acessível à população, como forma de combater o negacionismo. O livro foi escrito sob a coordenação do professor Carlos Menck, da USP.

Entre os autores, estão dois



professores da UFRJ. Rodrigo Nunes da Fonseca, diretor da AdUFRJ e docente do Instituto de Biodiversidade e Sustentabilidade de Macaé (Nupem), discute "Biologia evolutiva do desenvolvimento". Já Alexander Kellner, diretor do Museu Nacional, discorre sobre "Fósseis como testemunhas da evolução e processos de extinção".

Os lançamentos ocorrerão na sede da Finep, no dia 19,

às 9h, e no Fórum de Ciência e Cultura da UFRJ, no dia 20, também às 9h.

Trinta alunos da Escola Municipal Olga Benário Prestes, de Macaé, participarão do lançamento do dia 20. A presença dos estudantes é fruto da parceria de longa data entre o Nupem-UFRJ e a Prefeitura de Macaé.

É necessária inscrição prévia. Mais detalhes e o link para inscrição no site da ABC.

CONVÊNIOS

Os professores filiados à AdUFRJ contam com um setor de convênios, que firma parcerias com empresas prestadoras de serviços em diferentes áreas (veja relação abaixo). Para mais informações, os interessados podem entrar em contato com Meriane, no tel: (21) 99358-2477 ou pelo e-mail: meriane@adufrrj.org.br.

RIO DE JANEIRO



IBEU



CLUB PET



MAPLE BEAR TIJUCA



MIT CUIDADORES



ACADEMIA TIJUCA FIT



MADONA CLINIC



Psicare PSICARE



FISIOTERAPIA RJ LTDA



CRECHE AMANHECENDO



CRECHE ESCOLA RECRIAR



CESTA CAMPONESA DE ALIMENTOS SAUDÁVEIS



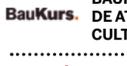
ROÇA URBANA ORGÂNICOS



JC LUZ CORRETORA



FLORA ENERGIA SUSTENTÁVEL



BAUKURS CENTRO DE ATIVIDADES CULTURAIS



ESCOLA ALFA



CLÍNICA ESTACÇÃO CORPORAL



HUMANA CLÍNICA MULTIDISCIPLINAR



MAIS FITNESS ACADEMIA



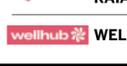
CORPUS CENTRO DE QUALIDADE DE VIDA



INSPIRE ENERGIA SOLAR



KALUNGA PAPELARIA



DROGARIA RAIA



WELLHUB

Orçamento de 2025 preocupa cientistas

> Recursos destinados a institutos de pesquisa e a bolsas do CNPq são reduzidos na proposta de gastos do governo enviada ao Congresso Nacional

RENAN FERNANDES
comunica@adufrrj.org.br

Redução dos valores destinados às bolsas e em programas de popularização da Ciência, institutos de pesquisa com previsão de receita inferior à deste ano e esvaziamento de programas ligados ao Fundo Nacional de Desenvolvimento, Científico e Tecnológico (FNDCT). Enviada ao Congresso Nacional no fim de agosto, a proposta orçamentária do governo (PLOA) para 2025 causou indignação nas entidades do setor.

A SBPC e a Academia Brasileira de Ciências encaminharam um ofício conjunto à ministra Luciana Santos, do MCTI, no dia 5 de setembro, criticando a distribuição dos recursos e cobrando a recomposição orçamentária da área. "É preocupante que logo depois da Conferência Nacional de Ciência, Tecnologia e Inovação, que trouxe uma grande esperança de aumento de recursos e da definição de políticas fortes na área, a gente tenha a situação de algumas unidades de pesquisa com o orçamento reduzido", afirmou à reportagem o presidente da SBPC, professor Renato Janine Ribeiro. "O que aumentou foi graças ao FNDCT, que tem outra finalidade. O risco é que o orçamento do Ministério de Ciência, Tecnologia e Inovação tenha de ser completado recorrendo ao fundo, quando deveriam ter finalidades diferentes".

De fato, a única boa notícia da peça orçamentária enviada ao Congresso é a maior arrecadação do FNDCT desde a sua criação. Está prevista a alocação de R\$ 10,301 bilhões para

a cobertura de projetos não reembolsáveis financiados pelo FNDCT nas universidades e institutos de pesquisa. Mas poderia ser mais.

O Conselho Diretor (CD) do FNDCT havia aprovado por unanimidade uma alteração da proporção para 60% de recursos não reembolsáveis, mas a equipe econômica do governo ignorou a decisão.

O professor Ildeu Moreira, do Instituto de Física da UFRJ e presidente de honra da SBPC, faz parte do conselho e discordou da distribuição proposta pelo governo. "As empresas têm crédito suficiente, via BNDES por exemplo. O setor de Ciência está mais penalizado no Brasil. Essa proposta não foi aceita pela junta orçamentária. No meu ponto de vista, é um erro político e jurídico".

Um erro como o orçamento apresentado para o CNPq, de R\$ 1,948 bilhão, 3,65% menor do que o atual. Os recursos destinados a bolsas de pesquisa foram reduzidos em 11,75%.

A SBPC havia aprovado uma moção pleiteando o aumento de recursos de fomento da agência para R\$ 700 milhões, mas a PLOA indicou apenas R\$ 209 milhões, valor considerado muito abaixo do necessário. "Isso compromete editais do CNPq e, em particular, o Edital Universal e as bolsas de pós-doutorado", disse Ildeu.

De 17 unidades de pesquisa, 10 tiveram seus orçamentos reduzidos em relação à PLOA 2024 — como o Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia e o Laboratório Nacional de Computação Científica (LNCC) —, duas mantiveram a mesma previsão anterior e apenas cinco tiveram suas dotações elevadas. O orçamento total previsto para todas é de R\$ 316,45 bilhões.



Toda a parte de popularização da ciência sofreu uma perda muito grande".

ILDEU DE CASTRO MOREIRA
Presidente de honra da SBPC

para projetos e eventos voltados à educação científica, com R\$ 30,5 milhões previstos. "Toda a parte de popularização da Ciência sofreu uma perda muito grande. Todos dizem que é importante combater o negacionismo, mas, na hora, reduzem os recursos", criticou Ildeu.

O esvaziamento dos fundos setoriais do FNDCT é outra evidência da proposta do governo. Há um corte de 70% no CT-Energia, voltado para pesquisas na área energética, que terá somente R\$ 15 milhões no próximo ano. O CT-Mineral, para pesquisas e formação de recursos para o setor mineral, foi cortado em 93,33% e terá apenas R\$ 1 milhão em 2025. O CT-Amazônia manteve seu orçamento baixíssimo, de R\$ 8 milhões.

CAPES

Ildeu aponta que a Capes também teve uma redução no valor global de recursos na proposta de 2025. De R\$ 5,403 bilhões na PLOA de 2024 para R\$ 5,340 bilhões na atual.

Já presidente da Capes, professora Denise Pires de Carvalho, esclarece que a comparação deve ser feita com o que foi executado. "A PLOA é uma proposta. Na verdade, a Capes mandou um pedido de R\$ 166 milhões a mais em relação ao que recebemos este ano. Antes do contingenciamento, a Capes já tinha mais de 90% empenhados", disse. "E temos proposta para executar ainda mais ano que vem, caso haja suplementação. Já estamos trabalhando junto ao Congresso para suplementarem. Não há perdas de bolsas em relação à lei de 2024".

A assessoria do MCTI não respondeu aos questionamentos da reportagem até o fechamento desta edição. (colaborou Kelvin Melo)

Em 2010, o orçamento era de R\$ 332 milhões e, em 2024, de R\$ 359 milhões.

A proposta orçamentária cortou 89,09% dos recursos de divulgação científica nas unidades de pesquisa, deixando esta ação orçamentária com apenas R\$ 7,2 milhões em 2025. Também reduziu em 31,02% os recursos

UFRJ estima déficit de R\$ 255 milhões ao fim do ano

A UFRJ deve chegar ao fim de 2024 com déficit de R\$ 255 milhões. O valor inclui R\$ 242 milhões que faltam para honrar os compromissos deste ano, mais as pendências de exercícios anteriores.

Diversos contratos já estão com as contas atrasadas e a reitoria executa apenas os gastos indispensáveis. "Estamos realizando apenas as despesas essenciais inadiáveis", afirmou o pró-reitor de Finanças, professor Helios Malebranche.

O cenário é tão difícil que a administração central não enxerga viabilidade para medidas de contenção. "Nossas despesas já são as mínimas necessárias ao funcionamento da universidade e, portanto, a reitoria não vislumbra possibilidades de cortes", acrescentou o pró-reitor.

Apesar das dificuldades, o discurso do reitor Roberto Medronho é de otimismo. "Já fizemos pedidos formais ao MEC de suplementação orçamentária. O ministério tem sinalizado de forma positiva", afirmou o professor. "Certamente, nós conseguimos fechar o ano. Com déficit, mas não haverá suspensão de atividades", completou.

PLOA 2025

Com ou sem déficit, a situação da universidade não deve mudar de patamar no próximo ano. Pelo menos no que depender da proposta orçamentária (PLOA) enviada pelo governo ao Congresso. Por enquanto, estão reservados apenas R\$ 423 milhões de orçamento discricionário para a maior federal do país, segundo levantamento da economista Leticia Inácio, pesquisadora do Observatório do Conhecimento.

Claro que o número pode melhorar, na tramitação da PLOA no Congresso. Mas, hoje, as já insuficientes receitas da UFRJ totalizam R\$ 427 milhões, sem emendas parlamentares. (Kelvin Melo)

CONSUNI VOTA RECESSO DAS AULAS NOS DIAS 18 E 19 DE SETEMBRO

Haverá recesso integral das aulas da graduação e pós-graduação nos dias 18 e 19 de setembro, no Rio e em Casimiro, com exceção até 15h.

Para cumprimento dos 200 dias letivos mínimos exigidos pela legislação, os conselheiros precisaram estender o calendário acadêmico. Para a maioria dos cursos, o segundo período letivo será ampliado de 14 para 19 de dezembro. Os cursos de Medicina, que já iriam até 21 de dezembro, poderão usar os primeiros dias de janeiro para completar os conteúdos. O Colégio de Aplicação, com aulas

previstas até 20 de dezembro, ainda vai decidir o que fazer.

"Qualquer alteração feita no calendário, obrigatoriamente precisamos ter esse norte de manutenção dos 200 dias letivos. E nós tínhamos 201 dias para a maioria dos cursos, com exceção dos da Medicina, que têm uma sobra (de dias)", explicou a superintendente geral de Graduação, professora Georgia Atella. O Conselho de Ensino para Graduados (CEPG) também deve votar alterações no calendário da pós, em breve.

Antes de votar o recesso inte-

gral, o Consuni discutiu a proposta encaminhada pelo Conselho de Ensino de Graduação, que previa aulas normais até 15h. A maioria dos conselheiros entendeu que a quebra do turno representaria um desperdício do deslocamento para muitos alunos que entram em sala no início da tarde. "Eu, por exemplo, tenho uma aula que começa às 13h30 e vai até 17h. Ela vai acabar no meio? A gente vai vir para a universidade para fazer essa horinha e meia de aula, duas horas?", questionou a representante discente Sofia Teles.

MACAÉ SEM RECESSO

Macaé não terá o recesso acadêmico nos dias 18 e 19 de setembro, como informado inicialmente nas redes sociais da AdUFRJ. A professora Georgia esclareceu que não houve uma formalização por escrito da mudança conversada com a decania do Centro Multidisciplinar. Durante o Consuni que aprovou a mudança do calendário letivo, a dirigente havia informado para a reportagem a suspensão das aulas também naquele município. (Kelvin Melo)



CEM MÃES que perderam seus filhos para a violência de Estado ingressam em projeto de pesquisa e extensão na UFRJ. Primeiro encontro aconteceu no dia 6 de setembro

ÓRFÃS DE FILHOS: UFRJ ACOLHE MÃES VITIMADAS PELA VIOLÊNCIA

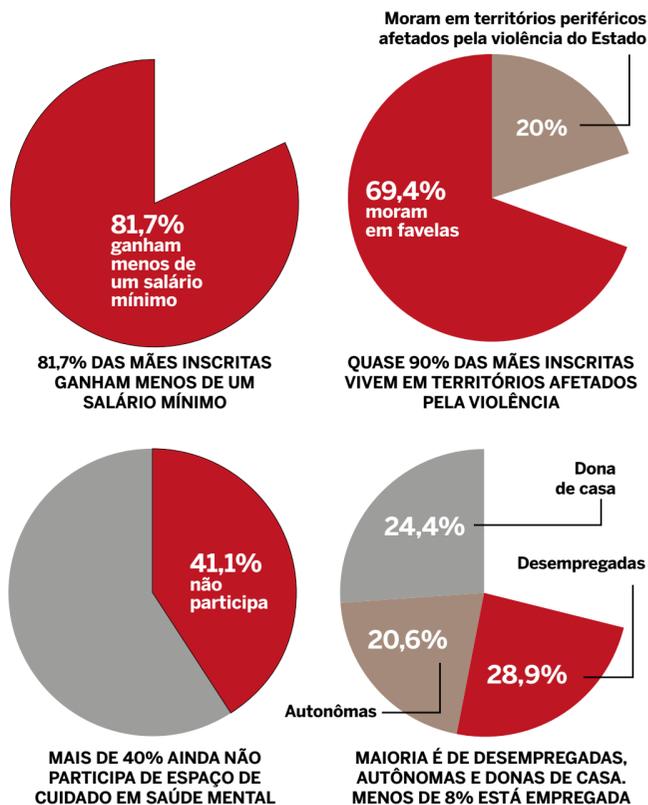
> Objetivo é construir uma política pública, a partir da dor de cem mulheres que perderam os filhos, assassinados por agentes do Estado. Documento será entregue ao Ministério da Justiça

SILVANA SÁ
silvana@adufrrj.org.br

O Instituto de Psicologia da UFRJ sedia um projeto de pesquisa e extensão que tem o potencial de transformar a realidade da segurança pública do Rio de Janeiro. Cem mães, que perderam seus filhos pela ação ou omissão de agentes públicos, se tornaram pesquisadoras da universidade. O objetivo é elaborar uma nova política pública a partir de suas vivências e olhares. O documento final será encaminhado ao Ministério da Justiça. Elas vão receber R\$ 700 por mês, por até um ano e meio, e serão acompanhadas por uma equipe multidisciplinar, além de 32 estudantes de graduação em Psicologia.

Coordenadora da parceria entre a UFRJ e o Ministério da Justiça, financiador do projeto, Mariana Mollica, professora colaboradora do Programa de Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica, resume a potência da ação. “Queremos a mudança do cenário catastrófico do Rio de Janeiro”. Para apoiar a iniciativa, o Ministério destinou R\$ 3,5 milhões para custear as bolsas e todas as atividades previstas no edital, como viagens pelo país e idas aos territórios conflagrados.

Das mães selecionadas para o projeto, pelo menos 80% são negras. Quase todas moram em áreas de vulnerabilidade social. “Elas terão aulas num ciclo básico sobre assistência social, saúde mental, direitos humanos, violência de Estado. Além disso, irão aos territórios identificar e qualificar a rede de assistência de saúde e jurídica de cada lugar”, explica a professora Mariana. Numa segunda etapa, o projeto prevê visitas a todos os estados do país para trocas de experiências. Além das aulas, elas terão atendimentos com psicólogos e psicanalistas. Tudo para que essas mães tenham ferramentas que as tornem produtoras de conhecimento. “Elas vão deixar de ser objeto de



estudo. É a perspectiva de decolonização do saber universitário.”

COMO TUDO COMEÇOU

O projeto surgiu a partir da Rede de Atenção a Pessoas Afetadas pela Violência de Estado (Raave), que congrega diferentes grupos e instituições atuantes na promoção e defesa dos Direitos Humanos. UFRJ, Uerj, PUC, UFF, Ouvidoria da Defensoria Pública do Rio, Fiocruz, Comissão de Direitos Humanos da Alerj, entre outros, agem em rede em apoio psicossocial às famílias impactadas.

A Raave foi constituída logo após a

Chacina do Jacarezinho, em 2021, a maior matança promovida pela polícia do Rio. “A Raave entra para dar acesso à Justiça e à saúde mental a essas famílias”, explica a professora Mariana. “Elas são revitimizadas ao chegarem à delegacia. Vão ao IML e são maltratadas novamente. Depois, não têm dinheiro para o enterro. Chegam à Defensoria, percebem que o caso não avança”, descreve.

O sintoma dessa brutalidade experimentada sobretudo pelas mães, é o adoecimento físico e mental. “Muitas desenvolvem doenças crônicas. Várias morrem, têm AVC, infartos”, afirma a pro-

fessora. “É uma situação de devastação completa”, afirma.

“A bala que acerta um ente da família continua girando e vai acertando outras pessoas”, ilustra a psicóloga Dejany Ferreira, coordenadora técnica do projeto. “Esses familiares adoecem, principalmente as mães, morrem de tristeza, outras se matam”, relata.

Para Dejany, é urgente desconstruir a ideia “do criminoso”. Este seria um passo fundamental para reduzir a violência de Estado. “Nossa sociedade criou a característica de periculosidade a partir de determinados perfis e aceita que essas pessoas sejam assassinadas”, explica. “Há uma anuência social e a polícia fraudava aquela execução porque a narrativa não vai ser questionada”.

Outro coordenador técnico do projeto, o advogado e militante dos Direitos Humanos Guilherme Pimentel, destaca a atuação das universidades no suporte a essas famílias. “A UFRJ tem um papel fundamental de articulação dessa rede. A Defensoria é uma das instituições, mas sem as universidades e, sobretudo, sem os movimentos de mães, essa rede não seria possível”, afirma.

Era ele o ouvidor-geral da Defensoria Pública do Rio de Janeiro, quando aconteceu a chacina que deu origem à Raave. “A gente atuou desde às seis horas da manhã recebendo as denúncias e resolveu ir ao território em tempo real”, ele lembra. “Foi o maior atendimento para vítimas de violência institucional da história do Rio de Janeiro. Ali começamos a articular essa atuação integrada”.

A Rede e, agora, o projeto de extensão agem, para Guilherme Pimentel, como fontes de cura. “Quando essas mães se organizam e percebem que o que elas viveram é um problema sistêmico, elas passam a atuar no apoio de outras famílias e melhoram sua própria condição de saúde”, avalia. “É essa articulação, entre o movimento popular e a linha de frente do serviço público, que vai nos livrar desta continuidade autoritária e escravocrata do nosso país. Queremos parar essa máquina de matar gente”.

#OrgulhoDeSerUFRJ



DEPOIMENTO | CATARINA RIBEIRO, MÃE DE ROGÉRIO DA SILVEIRA JÚNIOR

“MEU FILHO FOI ASSASSINADO PELA COR DA SUA PELE”

Moro em Niterói, mas meu filho foi assassinado em Nova Iguaçu, em 6 de maio de 2020, pouco depois de começar a pandemia. Ele era do grupo de risco, tinha artrite reumatoide e tomava imunossupressor. Nesse dia, um pouco antes de almoçar, ele recebeu uma ligação e falou que ia sair. Depois eu soube que era meu sobrinho neto, que chamou meu filho para ir até a casa da mãe dele, na comunidade do Danon.

Quando chegamos lá, começou uma operação. Meu filho, que não conhecia o local, acabou correndo na direção dos policiais. Ele tomou dois tiros. Os locais onde as balas pegaram sugerem que ele estava ajoelhado. Ele foi executado sumariamente. No momento da operação, viram um negro correndo e o sentenciaram à morte. Os policiais tiraram os documentos e pertences pessoais do meu filho. Colocaram uma arma e um rádio na mão dele.

Eu sou técnica na Federal Fluminense. Meu filho fazia faculdade de gastronomia, estudou no primeiro colégio bilíngue público do país, o Brasil-França. Falava francês e espanhol, era bolsista de bordo formado, tinha uma hamburgueria artesanal. Por conta desse trabalho, já havia sido premiado em alguns concursos. Ele tinha uma trajetória completamente diferente da narrativa que criaram

DEPOIMENTO | JACKLLINE OLIVEIRA, MÃE DE KATHLEN ROMEU, ASSASSINADA GRÁVIDA DE TRÊS MESES

“O ESTADO VIOLOU O MEU SAGRADO, MAS EU ME RECUSO A ENTERRAR O MEU AMOR”

“Quando a gente perde um filho, a gente trava uma luta incansável por memória, verdade, reparação e justiça. A gente coloca esse luto no bolso, mas a saúde física e mental não suportam. Encontrei uma forma de lidar com a dor, escrevo nos dias mais difíceis. Um dia, falei com minha psicóloga que não encontrava mais prazer nas coisas, nem motivo para continuar. Ela me disse que a felicidade tinha mudado de nome para mim, que se tornaria propósito, e que me ajudaria a procurar esses propósitos.

Então, me pergunto: quem sou eu para além da dor? Foi aí que a Raave entrou na minha vida. Eu sempre gostei de conhecimento, de estudar. E essa pos-



ali. Ele tinha sonhos, projetos, mas foi assassinado pela cor da sua pele. A vida do meu filho não vai ser reparada, mas eu busco verdade, busco justiça. Quero honrar a memória do meu filho. É o que me dá forças para continuar vivendo.

A importância de estar nesse projeto é poder compartilhar com outras mulheres que passaram o mesmo que eu. É um processo de ajuda mútua. Para as bolsistas, o valor permite que aquelas que não têm renda possam arcar com custos de deslocamento. Possibilita maior participação dessas mães nas atividades.

Espero contribuir com elas também no sentido acadêmico, já que trabalho numa universidade, tenho mestrado. Estamos sendo preparadas para acolher outras mães, mas também seguimos sendo acolhidas.

DEPOIMENTO | SONIA BONFIM VICENTE, MÃE DE SAMUEL BONFIM VICENTE E COMPANHEIRA DE WILLIAM DA SILVA

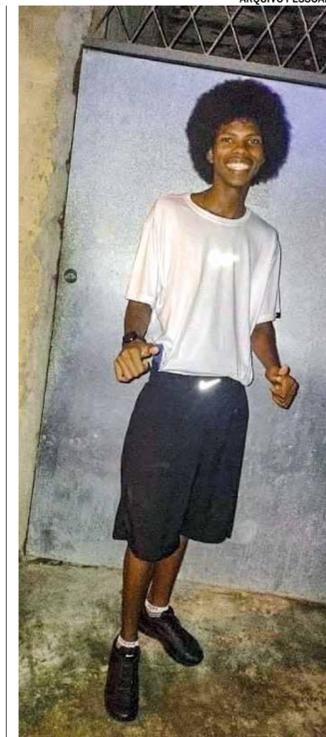
“QUANDO A GENTE PERDE UM FILHO, A GENTE PERDE TUDO”



“Naquele dia, 25 de setembro de 2021, eu tinha saído com meu esposo, meu filho e a namorada dele. Fomos comemorar porque na segunda-feira ele estaria no Exército. Eu moro no Chapadão. A namorada do meu filho passou mal e ele e meu esposo foram levá-la na UPA. Na volta, cortaram caminho. Estavam os três na moto. A 50 metros de casa, foram fuzilados pela polícia. Mataram meu filho e meu marido. A namorada sobreviveu. Vi quando os policiais deram o último tiro e os jogaram na viatura. Quando a gente perde um filho, a gente perde tudo.

Corri para o hospital. Vi o policial batendo no peito, mostrando as fotos do meu filho, dizendo que ele quem tinha abatido. Comecei a fazer a luta naquele dia. Eu mesma fiz investigação, consegui achar várias contradições. Pedimos para federalizar os casos. A Raave, que estava nascendo, me ajudou muito. Eles compreendem a sua dor. É totalmente diferente o trabalho psicossocial da Raave daquele que o Estado oferece. Eu estava ficando dopada. Fiquei um mês e meio sem dormir, virada, lendo os inquéritos, e a psiquiatra só sabia aumentar a medicação.

O Estado não faz isso com qualquer pessoa. Faz com preto, pobre, favelado. Em 2018, minha filha tomou um tiro do mesmo batalhão. Ela tinha 5 anos. Atravessou um garoto e parou nela. Ela viu uma pessoa morrer. Os policiais não se comoveram. Os vizinhos socorreram, ela precisou ser operada e sobreviveu. Em 2021, passo por isso de novo, mas, dessa vez, foi fatal. Meu filho estava



tudo quebrado, desfigurado. Tinha 1,90, mas parecia uma criança de 10 anos no IML. Meu marido estava sem uma perna, com o abdome aberto.

Fiz um curso de detetive particular porque a polícia não fazia nada. A mãe não tem luto, só tem luta. Ajudando outras mães, eu esqueço um pouco a minha dor. Vou a alguns enterros, tiro fotos para servir de prova de que foram torturados. O IML não fez isso com meu filho. Disseram que meu filho trocou tiros com a polícia. Estou há três anos pedindo exame resíduo gráfico. Não fizeram. Na audiência, o perito tem amnésia, não lembra de nada. As armas que mostraram, como arsenal recolhido com eles, sumiram quando eu pedi a perícia. Eu já vi mais de 500 vezes o policial que matou meu filho aqui no Chapadão, em operação. Ele segue normalmente, enquanto eu preciso fazer tratamento de saúde.

Eu estou no projeto para ser uma voz contra essa política assassina.”



mada de vídeo e friamente me disse: “você sabe, né, que só tem direito a cinco terapias?”. Fui desabafando, falando que ia ao quarto da minha filha todos os dias,

e ela me perguntava o que eu ia fazer lá se eu sabia que ela não iria mais voltar. Ali eu entendi que o Estado está contra mim desde que matou a minha filha.

Nós somos saqueadas sem saber a que temos direitos. Quero justiça. E justiça, para mim, é transformação social. Se a morte da Kathleen Romeu servir para mudar um pouco dessa sociedade, um pouco do meu propósito estará realizado.

Somos do Complexo do Lins. Ela tinha acabado de se formar. A gente resolveu se mudar para o Encantado para que isso não acontecesse. Mas não adiantou. Eu vivi a história mais horrível da minha vida. Perdi uma filha no auge de sua vida. Ela podia ser quem quisesse, era multitalentosa, tinha tanta luz. Era uma encantadora de pessoas! E o Estado estuprou minha alma, violou o meu sagrado. Já são três anos de todas as provas ratificadas pela perícia e os caras seguem nas ruas, enquanto eu estou doente. Mas eu me recuso a enterrar o meu amor.

Tupinambás celebram volta de manto sagrado ao Brasil

> Relíquia foi repatriada de museu na Dinamarca, onde estava há mais de 300 anos. Está agora sob a guarda do Museu Nacional, mas etnia conta com apoio de Lula para levá-lo para um museu na Bahia

ALEXANDRE MEDEIROS
comunica@adufrrj.org.br

Foram mais de três séculos de espera. Se considerarmos o seu registro de entrada no acervo da família real dinamarquesa, em 1689, foram exatamente 335 anos longe de casa. Mais longa que a distância entre Copenhague e o Rio de Janeiro foi a negociação para que ele deixasse uma vitrine de vidro no Museu Nacional da Dinamarca e voltasse ao Brasil: os primeiros esforços começaram em 2000. Está agora em uma sala da biblioteca do Museu Nacional da UFRJ, mas seu destino ainda é incerto. Na tarde de quinta-feira (12), uma cerimônia na Quinta da Boa Vista, com a presença do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, marcou oficialmente o retorno ao Brasil do manto tupinambá que foi levado do país nos tempos coloniais.

“Esse manto traz ao Brasil toda a força dos nossos encantados, dos nossos ancestrais, para termos de volta nossos direitos de vida. Não só para o povo tupinambá, mas para todo o povo originário do Brasil”, disse a cacica Jamopoty, líder da tribo tupinambá de Olivença, na Bahia, de onde é originário o manto de penas vermelhas de ave guará e fibras vegetais, de 1,20 metro de altura por 60 centímetros de largura, confeccionado no século XVII, e considerado sagrado pela etnia. Na tradição tupinambá, a vestimenta é usada em cerimônias de casamento e rituais diversos, e abriga um espírito ancestral.

Em sua fala de boas-vindas, o reitor da UFRJ, Roberto Medronho, destacou as contribuições da universidade. “Desde o pré-sal à repatriação deste maravilhoso manto, a UFRJ teve papel fundamental para o desenvolvimento do país. A ciência voltou, o Brasil voltou, e nós estamos na linha de frente da reconstrução.”

As negociações finais para a volta da re-



FOTOS: ALESSANDRO COSTA

líquia ao Brasil foram feitas entre os dois museus, com apoio das embaixadas e do Ministério das Relações Exteriores. Mas começaram há 24 anos, mais exatamente nas controvérsias comemorações dos 500 anos de descobrimento do Brasil. Naquele ano, o manto tupinambá foi trazido da Dinamarca e exposto em uma mostra no Parque do Ibirapuera, em São Paulo. Ali, foi reconhecido pela tupinambá Nivalda de Jesus, conhecida como Amotara, cuja memória foi lembrada na cerimônia pela cacica Jamopoty. Os tupinambás chegaram a pedir à Procuradoria da República para que o manto ficasse no Brasil, mas ele voltou para a Dinamarca — de onde só



voltou em julho deste ano.

A repatriação da peça foi cercada de sigilo — e muito criticada pelos tupinambás por isso. Os representantes indígenas queriam ir até Copenhague para acompanhar o retorno do manto, mas não houve recursos para a viagem. O sigilo foi uma exigência do Museu Nacional da Dinamarca, por questões de segurança, e os tupinambás só souberam da chegada da relíquia quando ela já estava no Rio de Janeiro. Os indígenas tiveram duas sessões privadas de recepção e vigília ao manto no início da semana passada, antes da cerimônia oficial de quinta-feira (12).

O Museu Nacional da Dinamarca tem



RICARDO STUCKERT/PR

outros quatro mantos tupinambás confeccionados no Brasil entre os séculos XVI e XVII e um deles saiu da reserva técnica e foi colocado na vitrine onde estava o que foi repatriado. Há outros seis mantos em museus da Itália, Bélgica, Suíça e França. O governo brasileiro tem se empenhado na repatriação de objetos levados aqui pelos colonizadores europeus. Só este ano, 585 artefatos indígenas foram recuperados. Eles estavam no Museu de História Natural de Lille, na França, e são oriundos de mais de 40 povos originários brasileiros.

O Museu Nacional espera que o manto seja uma das principais atrações de seu acervo, a ser aberto ao público assim que forem concluídas as obras de reconstrução do Palácio de São Cristóvão, consumido por um incêndio em 2018. Os tupinambás, contudo, querem que a peça volte à Bahia. Contam, para isso, com um apoio de peso: o do presidente Lula. Em seu discurso na Quinta da Boa Vista, ele encomendou ao governador petista da Bahia, Jerônimo Rodrigues, presente à cerimônia, a construção de um museu para abrigar a relíquia.

“É um privilégio extraordinário participar como presidente da República deste momento tão especial, não só para os povos indígenas, mas para todos nós. Ao

“**O retorno do manto sagrado tupinambá é o marco de uma nova história de conquistas dos povos indígenas**”

LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA
Presidente da República

longo de nossa história, diversos itens indígenas atravessaram fronteiras e foram parar em museus europeus e de outros cantos do mundo. O retorno do manto sagrado tupinambá é o marco de uma nova história de conquistas dos povos indígenas. Ele está agora no Museu Nacional, mas eu espero que todos compreendam que o lugar dele não é aqui. Quero pedir a compreensão do governador da Bahia, que me disse que é tupinambá também. Ele tem a obrigação e o compromisso histórico de construir na Bahia um lugar que possa receber e preservar esse manto.

Para nós ele é uma obra artística de rara beleza, mas para os tupinambás é uma entidade”, defendeu o presidente, ovacionado pelos tupinambás que lotavam a plateia com seus maracás.

O diretor do Museu Nacional, professor Alexander Kellner, não compareceu à cerimônia, pois estava em viagem ao exterior. O Jornal da AdUFRJ pediu a ele um posicionamento sobre a guarda da relíquia e sobre a reivindicação dos indígenas para que ela seja levada para a Bahia, mas não obteve retorno até o fechamento desta edição.

Instado por cobranças de lideranças indígenas, Lula também falou que seu governo tem como prioridade a demarcação de terras indígenas. Os tupinambás reivindicam a demarcação de territórios no sul da Bahia. As áreas estão delimitadas desde 2009 e ainda aguardam a demarcação. “O povo tupinambá, da mesma forma que as demais etnias indígenas, tem direito ao seu território. É uma luta justa, legítima”, disse o presidente, que prometeu se reunir esta semana com o ministro da Justiça e Segurança Pública, Ricardo Lewandowski, para tratar da demarcação dessas áreas. Com 47 mil hectares, a Terra Indígena Tupinambá de Olivença abriga 23 aldeias, com 8 mil habitantes, entre os municípios de Ilhéus, Uma e Buerarema.



CACICA JAMOPOTY LEMBRA LONGA LUTA E PEDE DEMARCAÇÃO

“O manto foi reconhecido por Amotara em 2000 em uma mostra dos 500 anos. Daquele dia para cá, nós lutamos para que o manto sagrado ficasse no Brasil. Mas ele voltou para a Dinamarca depois da exposição. Estou aqui representando Amotara, uma mulher forte, decidida, dedicada à família tupinambá”

“Eu sou a primeira mulher cacica do povo tupinambá de Olivença, sou a segunda do Brasil, e venho travando uma luta pela demarcação de nosso território. Esse manto traz ao Brasil toda a força dos nossos encantados, dos nossos ancestrais, para termos de volta nossos direitos de vida. Não só para o povo tupinambá, mas para todo o povo originário do Brasil. Há outros mantos como esse lá fora, mas esse é o manto sagrado de Amotara”.

“Senhor presidente, demarque as terras indígenas, dê um sossego ao povo indígena. Eu falo pela voz do meu ancestral. Estamos aqui no Rio de Janeiro desde 7 de setembro para fazer nossa vigília, para dizer ao manto: “Nós estamos aqui”. Ele voltou para que o Brasil seja um novo Brasil com sua história verdadeira, a história dos povos originários. Hoje eu estou feliz”.

PARLAMENTARES E LIDERANÇAS APOIAM INICIATIVA DO SINDICATO



MARINA DO MST apoia a carta da Adufrrj por mais recursos

A diretoria da AdUFRJ entregou um documento às autoridades presentes à cerimônia do manto tupinambá sobre a grave situação orçamentária da UFRJ. O texto ressalta a importância social, cultural e científica da universidade, mostra a contribuição dos pesquisadores para

o desenvolvimento tecnológico do país e pede socorro para garantir a continuidade das aulas. “Estamos com mais de R\$ 50 milhões contingenciados. Até recursos empenhados foram bloqueados”, explicou a presidenta da AdUFRJ, Mayra Goulart, para a deputada estadual Erika Takimoto (PT), presidente da Comissão de Ciência e Tecnologia da Alerj. “Estou junto com vocês, vamos tentar marcar audiências e reverter essa situação”, prometeu a parlamentar.

Mesma solidariedade foi declarada pela deputada estadual Marina do MST (PT). “Podem contar comigo”, garantiu. “Precisamos muito do apoio dos parlamentares. Nossa situação é muito grave, estamos sem re-

ursos até para pagar as contas de luz e água. Os prédios estão péssimos”, contou a vice-presidente da AdUFRJ, professora Nedir do Espírito Santo, docente universitária desde a década de 1970. “Nunca vi um quadro tão grave no campus. O mais triste é que a universidade muda a vida



ELIKA TAKIMOTO quer mediar audiência em defesa da UFRJ

das pessoas, muda o destino. A falta de infraestrutura interrompe o cotidiano acadêmico e afasta os alunos”.

Um dos apoios mais emocionantes recebidos pela AdUFRJ durante a cerimônia do manto tupinambá foi da deputada federal Célia Xakriabá (PSOL-MG). Professora ativista indígena do povo Xakriabá em Minas Gerais, Célia encantou as diretoras da AdUFRJ. “Foi uma honra para nós o encontro com a deputada Célia nesse contexto aqui. Ela é uma referência na educação indígena e sabe das agruras de ser professora no Brasil”, ponderou a presidente da AdUFRJ, Mayra Goulart.

Uma das lideranças indígenas presentes também se solidarizou com a carta da AdUFRJ.



CELIA XAKRIABÁ, deputada indígena e professora, elogia UFRJ

Mari Tupinambá lidera o movimento de mulheres da aldeia de Olivença, na Bahia, pela construção de escolas indígenas. “Eu sei o que é ficar sem escola. A dos nossos cururims é de barro e está caindo”, contou Mari.

A integra da carta da AdUFRJ está na página ao lado.

CARTA DA ADUFRJ AO PRESIDENTE LULA

Caro presidente Lula,

Bem-vindo. Somos professoras e professores da Universidade Federal do Rio de Janeiro, integramos a diretoria do sindicato docente e estamos profundamente emocionados com sua visita. A presença de V. Exa. reacende o entusiasmo que nos mobilizou, em 2022, quando, de braços dados com o senhor, as universidades lutaram bravamente para livrar o Brasil de quatro anos de obscurantismo. Assim, com imensa alegria e alguma esperança, lhe entregamos esta carta. Alegria porque lutamos pela sua eleição e pela reconstrução de um Brasil

justo, democrático e próspero. Esperança porque recebê-lo, é uma oportunidade de mostrar a importância da UFRJ para o país. Somos mais de 65 mil estudantes, 4 mil professores e 8 mil técnico-administrativos em Educação. Atuamos em 175 cursos de graduação, 132 programas de pós-graduação stricto sensu e 1.779 ações de extensão. Temos mais de 1.450 laboratórios, 45 bibliotecas, um Parque Tecnológico com 350 mil metros quadrados, com startups e empresas de protagonismo nacional e internacional, nove hospitais universitários e oito museus.

A universidade formou uma sucessão de ex-alunos notáveis, como o indicado ao Prêmio No-

bel da Paz Osvaldo Aranha; os escritores Jorge Amado, Vinícius de Moraes e Clarice Lispector; o arquiteto Oscar Niemeyer; os médicos Oswaldo Cruz e Carlos Chagas; o historiador Sérgio Buarque de Holanda; e o matemático Artur Ávila, primeiro latino-americano a receber a Medalha Fields, prêmio oferecido a matemáticos com até 40 anos e considerado equivalente ao Prêmio Nobel.

Aqui respeitamos nossa História, construímos e pensamos o futuro. Há duas semanas, organizamos o Festival do Conhecimento com o tema da Inteligência Artificial. No final do primeiro semestre, celebramos vitórias notáveis em pesquisas sobre o Alzheimer. O maior cen-

tro de pesquisa em engenharia da América Latina, a Coppe da UFRJ, descobriu o pré-sal e continua sendo a principal referência na área de óleo, gás e energias alternativas.

Na pandemia de Covid, nos desdobramos para ampliar a vacinação, realizar mais de 100.000 testes moleculares no Rio de Janeiro e em Macaé, difundir as medidas de combate ao vírus, pesquisar vacinas e combater ações anti-civilizatórias defendidas pelas autoridades da época. Como fruto desse esforço, criamos o Núcleo de Enfrentamento e Estudos de Doenças Infeciosas Emergentes e Reemergentes (Needier). A unidade é responsável por estudar e dar respostas rápidas

às epidemias e pandemias que afligem o mundo contemporâneo.

Hoje, graças à política de cotas, os alunos pretos e periféricos ocupam 50% das vagas na Graduação. São diversos, são muitos e têm pressa. De se formar, de trabalhar, de mudar de vida. Deixá-los sem aulas na universidade pública é deixá-los sem futuro. É também abrir a guarda para o retorno do negacionismo e do ódio ao conhecimento. Não queremos isso. De maneira alguma. Mas, para garantir que esta Universidade permaneça aberta, precisamos do apoio do governo brasileiro.

A UFRJ pede socorro.

MAIS DE 150 PROFESSORES JÁ ADERIRAM AO WELLHUB

> Convênio lançado pela AdUFRJ permite acesso a diversos serviços de saúde física e mental

KELVIN MELO

kelvin@adufrrj.org.br

FOTOS: FERNANDO SOUZA

Um sucesso. Em pouco mais de uma semana, 161 professores já aderiram ao mais novo convênio firmado pela AdUFRJ: a plataforma de bem-estar Wellhub. O serviço permite aos sindicalizados acessar uma série de atividades físicas ou de saúde mental com descontos.

O lançamento aconteceu em uma festa no belo cenário do Fórum de Ciência e Cultura, no último dia 6. “O sindicato é um espaço para a gente travar disputas políticas, mas também é um espaço de acolhimento e cuidado”, disse a presidenta da AdUFRJ, professora Mayra Goulart. “Este é o sentido de uma prática sindical que não vê luta, assistência e acolhimento de maneira dicotômica. Entendemos tudo isso como algo que nos fortalece”, completou.

Funcionária responsável pelo setor de convênios do sindicato, Meriane de Paula informou que o Wellhub é um benefício não só para os docentes, mas para seus familiares — cada professor pode incluir até três dependentes. “É uma plataforma corporativa. Ela se chamava Gympass. Agora é Wellhub, porque deixou de ser um passe para academia e virou uma plataforma de benefício geral de bem-estar. Oferece diversas atividades físicas, mas também de cuidado pessoal: nutrição, psicologia, finanças, entre outras”, disse.

O salão do Fórum estava cheio, mas a ideia é espalhar a mensagem para o máximo de docentes. “É muito importante ter essa quantidade de pessoas aqui, mas queremos muito mais. Então avisem os colegas”, reforçou a vice-presidente da AdUFRJ, professora Nedir do Espírito Santo.

Novos sindicalizados receberam um convite especial para participar da festa. “Estamos muito felizes com os cerca de 300 novos filiados. Acho isso uma conquista, uma vitória de todos nós. Porque é um momento difícil para os sindicatos. É motivo para a gente comemorar. Sejam todos bem-vindos, novos e antigos”, acrescentou a diretora Veronica Damasceno.

E a expectativa é que mais e mais professores se juntem à AdUFRJ. O diretor Rodrigo Fonseca lembrou a campanha em que os novos filiados não pagam a contribuição sindical por dois anos. “É



uma noite muito especial. Espero que todos gostem bastante. Queremos cada vez mais que o docente se sinta acolhido”.

“Respeitar a universidade é valorizar o professor” eram os dizeres estampados nas bolsas distribuídas durante o evento. E o diretor Antonio Solé destacou a relação entre a instituição e seus educadores. “Fizemos um ato em frente ao Ministério da Fazenda, com balões em formato de coração. A mensagem era ‘Eu amo a UFRJ’. Quem ama cuida. Todos os movimentos de reivindicação de financiamento têm a ver com o amor que temos pela UFRJ. Eventos como esse para acolher pessoas novas e anunciar maneiras de ajudar as pessoas a cuidarem de si têm a ver com essa filosofia de amar a UFRJ”.



JORNAL NA AULA

O recém-filiado professor Ribamar Oliveira, da Escola de Comunicação, participou pela primeira vez de uma festa da AdUFRJ. “Quero estar próximo e aprender com a experiência dos colegas”, comentou. Ele tirou dúvidas sobre os convênios e espera usar o novo serviço em breve. “Achei superinteressante. Queria saber mais sobre o funcionamento da pla-



taforma. Vou me cadastrar no Wellhub”.

O docente também revelou que utiliza o Jornal da AdUFRJ em suas aulas de Webdesign. “Muitas vezes, os alunos têm uma visão distante do Webdesign. Com um produto da própria instituição, podemos aproximar a prática do Jornalismo ao nosso contexto. Usamos textos, imagens e gráficos do jornal para as análises”, explicou. **(colaborou Renan Fernandes)**

NOVO CONVÊNIO JÁ RENDE ELOGIOS

Quem estava na festa pôde se cadastrar no Wellhub através do QR code instalado em um cartaz de entrada. Os demais filiados receberam um comunicado para aderir à plataforma desde o dia 9.

Hebert Leonel de Matos Guedes, do Instituto de Microbiologia Paulo de Góes, foi o primeiro a fazer o cadastro e destacou as vantagens do serviço. “Há um ano e meio, comecei a frequentar academia de segunda a sábado. Com este convênio, poderei continuar na mesma academia e explorar outras atividades com um custo mais baixo”, celebrou.



Para Hebert, exercitar o corpo e a mente são tarefas inseparáveis. Ele acredita que o esforço físico na academia contribui para o desempenho de suas funções acadêmicas. “Mente, corpo e espírito. Trabalhamos com a mente, mas precisamos de um corpo forte para suportar as pressões da vida acadêmica. Esse cuidado muitas vezes é negligenciado, a menos que o tornemos uma parte essencial do nosso dia a dia”.

A professora de Bioquímica Luisa Ketzer, do campus Duque de Caxias, compartilha da mesma visão e sente falta dos exercícios quando é muito demandada pelo

trabalho. “É fundamental reservarmos um horário para cuidar de nós mesmos”, enfatizou. Ketzer também apontou o aumento da disposição, da concentração e a melhora no sono como benefícios.

A docente já faz circuitos funcionais na praia, mas quer expandir suas atividades. “Sinto necessidade de algo a mais, talvez musculação, pilates ou yoga”, comentou. Após se cadastrar, agora só falta escolher o plano ideal. “Assim que soube do novo convênio, procurei no site da Wellhub e encontrei várias opções perto de casa”. **(Renan Fernandes)**